



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A REPRODUÇÃO DA ORDEM SEXUAL E AS MANIFESTAÇÕES HOMOFÓBICAS ENTRE ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO CAMPUS JOÃO PESSOA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB)

Marcos Sueudy Santos do Nascimento

Universidade Federal da Paraíba; marco_sun_jampa@hotmail.com

Introdução

No ano de 2004 o governo federal lançou a campanha Brasil sem homofobia, em que participaram um conjunto de organizações que lutam pelos direitos dos indivíduos homoafetivos, propondo uma série de políticas públicas envolvendo os setores da saúde, educação, assistência social, além de mecanismos legais de garantia dos direitos civis dos homossexuais.

Sabemos o panorama extremamente conservador das instituições de ensino, que de acordo com as lições de Bourdieu (1998) se constituem em ambientes extremamente eficazes no tocante à conservação social, capaz de tolher características e violentar simbolicamente àqueles que não são homogeneizados pela sistemática escolar, e ainda contemplam-se as instituições escolares como um fator de reprodução dos preconceitos cotidianamente estabelecidos entre os indivíduos.

A pesquisa tenta centralizar como referência de análise o ensino técnico integrado ao médio, mais especificamente os primeiros e quartos anos, com o intento de aferir algumas variáveis como a faixa etária dos estudantes que iniciam os seus estudos e os que posteriormente concluem. As religiões que preponderam dentre o público em análise, o levantamento sócio- econômico dos sujeitos que contribuíram com a pesquisa são uma das variáveis percebidas na avaliação da pesquisa. Ficou claro na condensação de dados que há incidência de preconceitos homofóbicos no IFPB campus João Pessoa.

O processo social e histórico de construção da sexualidade impõe uma lógica demarcadora baseada na superioridade do status heterossexual, restringindo e até mesmo violentando, às vezes no aparato institucional, a orientação homossexual, criando assim barreiras que sempre se organizam a partir de uma naturalização da heterossexualidade, como explicita Bourdieu (1998), a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e feminino e, especificamente, a diferença



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, demonstrando mais fortemente o pensamento heterossexista.

A escola, como uma via institucional, é capaz de não só conservar os valores heterossexistas como também reproduzir socialmente essa ideologia, que de acordo com Junqueira (2007) (homofobia nas escolas: um problema de todos), “temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimento, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação”, assim, também dispõe, e embora a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais. Assim, é razoável supor que, na escola, a homofobia produza efeitos sobre todo o alunado (Junqueira, p.19).

Daí resulta a necessidade de uma concentração de esforços das instituições de modo a neutralizar esse conjunto de manifestações que deslocam a homossexualidade a um nível de sexualidade inferior, é necessário que as autoridades e profissionais de educação, além de membros do aparato escolar e sociedade em geral, reúnam esforços que incidam na direção da desestabilização da homofobia, e assim manter uma efetiva capacidade de discussão sobre os pontos cruciais relativos à homofobia.

A pesquisa tentou antes de tudo constatar algo já tão explícito socialmente que é a negação de direitos ainda impostos aos homossexuais, vítimas constantes dos discursos inflamados dos defensores de uma superioridade heterossexual e que muitas vezes sofrem até violências físicas pelo simples fato de ter seguido uma orientação social na qual ainda há imensa carga de preconceitos construídos tanto pela religião judaico-cristã quanto pelos movimentos culturais das sociedades, mostrando assim a necessidade de uma intervenção mais frequente da escola, como ambiente de construção ideológica, e do estado, no atendimento aos preceitos mais fundamentais que delimitem as fronteiras da cidadania e do status de sujeito de direitos dos homossexuais.

Metodologia, Resultados e Discussão

Sua metodologia atende o mapeamento e o estudo teórico das variadas formas de preconceito e discriminação, ou seja, a formatação geral dos critérios construtivos do fenômeno da homofobia, que se delinea como a constante aversão de cunho irracional contra os/as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

homossexuais, e tendo como parâmetro delimitador o ambiente relativo ao ensino médio integrado ao técnico do IFPB campus João Pessoa, nas turmas do primeiro e do quarto e nos turnos manhã e tarde.

O estudo é de caráter analítico, baseando-se em fontes bibliográficas e documentais, além de questionário avaliador embasados nos critérios da pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa, sempre evidenciando o estudo de caso, nesse ponto representado pela entrevista disponível com um sujeito que ordinariamente está imerso sob posturas essencialmente homofóbicas, como as piadas e deturpações pejorativas.

A pesquisa buscou dentre as variadas vias de análise dos instrumentos que permitiram visualizar as manifestações de homofobia observar o comportamento dos estudantes no momento da entrada no Instituto, com um conjunto de experiências externas, e como se dava esse comportamento ao final do processo educacional ao nível médio técnico, com opiniões mais bem formuladas e um acúmulo interno de experiências Institucionais bem consideráveis.

Também foi reflexivo o fator dos aspectos preponderantes do Instituto em que ainda há certa supremacia de homens como estudantes dos cursos técnicos integrados, e a partir disso não podemos esquecer o caráter tecnológico destes mesmos cursos e a barreira existente, mesmo não cabendo uma análise aprofundada neste momento, esses pontos servem como um dos critérios a serem considerados em relação à ideia inicial de escolha do tema.

A constatação inicial girava em torno de que os estudantes que iniciam esses cursos técnicos no Instituto iriam manifestar, tanto objetivamente quanto subjetivamente, aspectos homofóbicos mais aguçados, por não terem uma maior capacidade de reflexão em geral e ao passo que estavam saindo do ensino fundamental, tendo de chofre o contato com uma nova realidade física e pessoal, diferente dos estudantes que concluíam os cursos teoricamente melhor embasados e ideologicamente melhor resolvidos, sendo em sua posição mais tolerantes e menos utilizador das manifestações homofóbicas, significando esta a grande incógnita inicial, que ao final foi desmistificada com a conclusão geral que a situação não se condensa tão facilmente e sim que os alunos concluintes tem realmente uma opinião mais forte e às vezes não tão tolerante com relação à orientação homossexual.

O questionário desse estudo contém uma parte inicial que referencia os aspectos econômicos-sociais do sujeito e a parte mais específica, que contém sete questões de cunho fechado em que apenas poderiam ser dadas como respostas as opções concordo, discordo e nem concordo-nem discordo, sendo emergente nessas questões a visualização dos tipos de homofobia, sejam elas,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

a específica, que “constitui uma forma de intolerância que se refere, especialmente aos gays e lésbicas”, a homofobia geral, “uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea)”, a homofobia afetiva, que “caracteriza-se pela condenação da homossexualidade”, e a homofobia cognitiva que “pretende perpetuar a diferença homo/hétero”. (Borrillo, 2010, p. 24 a 27)

Nessa construção baseada na visão de aversão à homossexualidade temos como um dos pontos mais importantes a ser levado em conta, o critério basilar do discurso utilizado pelos sujeitos, qual seja o da “normalidade”, aparato mais concreto socialmente do discurso heterossexista e heteronormativo, como afirma Borrillo (2010, p.15) “no âmbito desse tratamento discriminatório, a homofobia desempenha um papel importante na medida em que ela é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, além de conferir status superior à heterossexualidade, situando-a no plano do natural, do que é evidente”, reproduzindo assim a visão enraizada pela tradição judaico-cristã sobre a superioridade da orientação heterossexual, segundo o qual o caráter “natural está vinculado às relações entre pessoas de sexo diferente”.

E baseado nessas convicções de hierarquia das sexualidades temos visualizado cotidianamente o ambiente das instituições de ensino brasileiras, que segundo Junqueira (2007), “ao longo de sua história, a escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsáveis por reduzir a figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso”, “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ele ligados-centrados no adulto, masculino, heterossexual, burguês física e mentalmente “normal”, assim, as próprias escolas seriam sim o espaço adequado para os levantamentos relativos às diversas formas de manifestação de homofobia.

A primeira questão imprime um juízo bastante reflexivo sobre a vestimenta dos gêneros, que ainda é susceptível de grandiosa carga preconceituosa, em que a maioria discorda do ato preconceituoso, principalmente os alunos do primeiro ano, ao contrário dos questionários referentes aos alunos dos quartos anos. A segunda questão é muito simbólica, ao passo que coloca em debate um assunto nacional, o futebol. Os homens quase que monopolizam essa prática, daí ser de suma relevância construir a possibilidade de uma mulher também praticar este esporte, mas nesse caso é vítima das brincadeiras, e quantitativamente houve certa neutralidade dos que responderam,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

oscilando entre a aceitação da prática do futebol pelas mulheres como algo normal e outros que veem algo fora do comum e por isso condenável enquanto questão cultural.

O ambiente da terceira questão é a escola, lugar onde é recorrente a violência de caráter simbólico, sendo certos indivíduos mais sensíveis vítima de constantes brincadeiras relativas ao comportamento, sensibilidade que é entendida como uma atribuição característica inferior, ao mesmo tempo em que visita o tema da normalidade sexual dos indivíduos, e a possível hierarquia dos sexos, nessa questão no geral há uma generalidade também de neutralidade diante da situação.

A quarta situação posta é crucial para entendermos as diversas formas de manifestação do fenômeno homofóbico, em que um casal de indivíduos do mesmo sexo troca carinhos em público, e isto é motivo de aversão por algumas pessoas, e que nas respostas é verificada certo conservadorismo, ou seja, as pessoas até aceitam que as mulheres componham um casal, mas não comungam com a troca de carinho, e que quantitativamente foram contra essa situação de publicidade.

A quinta tenta trazer à tona o discurso utilizado por alguns da “normalidade” da heterossexualidade, ou seja, montando uma hierarquia das sexualidades. É como se a heterossexualidade assumisse a formalidade de padrão social a ser seguido mecanicamente, e que ainda são adicionados os termos pejorativos tão degradantes ao indivíduo, e que a maioria afirma no questionário não seguir essa linha de preconceito geral. (Borrillo, 2010)

A escola mais uma vez é utilizada como ambiente imaginativo para a questão seis, mas também é explorado algo muito relevante, a equidade de direitos, ou seja, o entendimento do homossexual como um cidadão que dispõe também dos mesmos direitos de um heterossexual, e que o campo do direito, com a sua hermética capacidade técnica de análise, às vezes não consegue visualizar socialmente essa distorção. No aspecto quantitativo a grande maioria diz, segundo o questionário, que reconhecem o direito à manifestação pública dos homossexuais.

Essa última situação fechada tenta levar a cabo as possibilidades, impondo ao participante da pesquisa uma posição firme, qual seja a de comungar ou não com a expressão de violência física, que quase a unanimidade das pessoas responderam que não aceitam o ato de violência como instrumento da homofobia.

A questão oito é de tal modo emblemático, ao trazer ao cerne da discussão a viabilidade legal de um casal homossexual adotar uma criança, e como uma resposta dissertativa colocada aos participantes da pesquisa pôde mapear mais assertivamente as interpretações. Basicamente trabalhamos com duas possibilidades, quais sejam, a possibilidade da negação do direito à adoção e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

a do reconhecimento dessa possibilidade legal. Assim podemos visualizar a negação de direitos a partir de diversos embasamentos, sejam eles religiosos ou em relação ao cultural modelo de família que também passa por um viés cristão, ou até com o critério interpretativo de que a criança pudesse futuramente passar por situações de escárnio ou de bullying.

Conclusões

Ao final concluímos que infelizmente as manifestações homofóbicas ainda são tidas como “normais” pela inclusa maioria dos estudantes tanto iniciantes quanto concluintes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB, campus João Pessoa, e que há ainda uma forte intolerância as questões de casamento e adoção as casais homossexuais. Como também concluímos que a forte concepção religiosa e a inadequação familiar são de certa forma a mais contestada nos questionário para não aceitação de tal prática homoafetiva.

O discurso de normatividade imposto histórico e socialmente pelas Instituições de poder ou sociedade, baseado na heteronormatividade e no heterossexismo vigente na prática escolar, ou seja, falta por parte da Instituição uma atitude que evite a exclusão e sim tente agregar essas pessoas a práxis social, que poderia ser suprida essa ausência através de pesquisas mais generalizantes tendo como cerne a localização das manifestações homofóbicas.

Referências Bibliográficas

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e crítica de um conceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômicas. São Paulo: FIPE/MEC/INEP, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Caderno de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Bagoas jul/dez 2007;1(1):145-65.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.